



## ÉTICA NA LINGUÍSTICA APLICADA: REFLEXÕES SOBRE PESQUISAS ACERCA DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA INFÂNCIA

Alex Alves Egido (UEL)

*Trust building, confidence building, and reducing power distance emerged as crucially important principles in research with children, with the suggestion being made that researchers need to monitor and revisit these issues regularly during any research project. (PINTER; KUCHAH; SMITH, 2013, p. 485)*

### Resumo

O fenômeno da ética em pesquisas em linguística aplicada tem se expandido em relatos acadêmicos nos últimos anos, em especial. Embora haja um rol de práticas consideradas éticas a serem observadas por todos os pesquisadores/as qualitativos/as, entende-se que certas reflexões são adicionalmente necessárias àqueles que lidam com a língua(gem) como objeto de estudo. Tendo em vista que os participantes são constituídos (e se constituem) por traços particulares, este artigo visa a (i) sintetizar acepções de pesquisas e de crianças com base em estudos de diferentes áreas do conhecimento e (ii) sugerir questões, circunscritas à ética em pesquisa, que fomentem discussões acerca da educação linguística na infância. Espera-se contribuir para as discussões sobre pesquisas, com foco na língua(gem), que envolvam esta faixa etária, bem como incitar novas reflexões sobre essa temática.

**Palavras-chave:** Ética em pesquisa. Educação linguística. Crianças.

### Introdução

Nos últimos anos, no Brasil, a ética em pesquisa passou a ser questão explicitamente discutida por linguistas aplicados em seus relatos de pesquisa (CORADIM, 2015; MARQUES, 2018), seja pelo seu caráter *burocrático*, seja pelo



seu caráter *emancipatório* (REIS; EGIDO, 2017)<sup>1</sup>. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), traço como objetivos (i) sintetizar acepções de pesquisas e de crianças com base em estudos de diferentes áreas do conhecimento, a saber: Educação, Estudos da Linguagem, Filosofia e Estudos da criança, para citar algumas, e, conseqüentemente, (ii) sugerir questões, circunscritas à ética em pesquisa, que fomentem discussões acerca da educação linguística na infância. A fim de contempla-los, valho-me de uma revisão de literatura que, embora restrita, permite ao leitor conhecer traços recorrentes presentes em reflexões sobre ética em pesquisas que envolvam crianças.

Justifico ambos os propósitos deste relato em resultados de revisões da literatura (MORAIS, 2017; PRADO; VICENTIN; ROSEMBERG, 2018), que sinalizaram a insuficiente presença de publicações provenientes da área da Linguística Aplicada (LA) sobre a temática. Tal justificativa é corroborada na afirmação de Pinter, Kuchah e Smith (2013, p. 484), onde se lê: “A visão de que as crianças são inteligentes e têm coisas úteis a dizer sobre questões que lhes dizem respeito já estão bem estabelecidas na pesquisa antropológica e sociológica [...], mas representa uma perspectiva relativamente nova em nosso próprio campo”<sup>2</sup>. Insiro este estudo na intersecção entre dois campos de estudo em expansão na LA, a saber: ética em pesquisa (CHIMENTÃO; REIS, 2019; EGIDO, 2019; REIS; EGIDO, 2017) e educação linguística na infância (BROSSI; FURIO; TONELLI, 2020; TONELLI; PÁDUA; OLIVEIRA, 2017).

Organizo o artigo em outras três seções subsequentes. Na primeira e na segunda busco contemplar os dois objetivos supracitados, respectivamente. Por fim, na terceira seção, retomo as principais reflexões, bem como indico algumas possibilidades de estudos futuros circunscritos a essa intersecção.

<sup>1</sup> Embora haja outras terminologias para referências às pesquisas, no que concerne ao cuidado ético, adoto aquelas que são recorrentemente empregadas em estudos brasileiros, na área da LA (EGIDO, prelo).

<sup>2</sup> No original: The view that children are knowledgeable and have useful things to say about issues that concern them is already well established in anthropological and sociological research [...], but it represents a relatively new perspective in our own field.



## Acepções de pesquisas e de crianças

Nesta seção, viso a apresentar uma síntese (dentre inúmeras outras possíveis) das discussões teóricas que têm constituído este tema de estudo. Embora haja investigações que contemplem a questão da *ética burocrática* e é inegável a exponente submissão de projetos de pesquisa da área de Letras Linguística (CNPq) aos comitês de ética (EGIDO, 2019), argumento que “[...] normas éticas não bastam para assegura às crianças o lugar de atores sociais, sendo necessária uma nova compreensão da posição da criança em pesquisas, assim como da posição do próprio pesquisador nesta relação” (PRADO; VICENTIN; ROSEMBERG, 2018, p. 1).

Nesse sentido, recorro a alguns trabalhos que têm discutido este tema, a fim de sintetizar e aproximar conceitos-chaves mobilizados por seus autores, os quais são: acepções de pesquisas e de crianças, dispostos no Quadro 1. Antes de centrarme em tais conceitos, considero necessário que o/a leitor/a tenha em mente, pelo menos, uma determinada faixa etária de criança. Tal ressalva, embora não tenha sido explicitamente feita nos trabalhos discutidos neste artigo, é imprescindível, quando se trata seja do processo de ensino-aprendizagem de línguas, seja do processo de pesquisa com crianças<sup>3</sup>.

Além desta ressalva, parto da premissa de “[...] a relação entre ética e ciência tem sido continuamente renovada e reconfigurada [...]” (FERNANDES, 2016), o que possibilita tanto ressignificar posturas éticas adotadas em pesquisas que envolvam crianças quanto propor outras posturas socialmente situadas.

<sup>3</sup> Sobre a necessidade de observância à faixa etária das crianças em foco em qualquer discussão, sou grato à Dra. Juliana Tonelli, pelas discussões promovidas na disciplina ‘Língua Estrangeira para Crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente’, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



**Quadro 1:** Relações entre tipos de pesquisas e acepções de crianças

Tipos de pesquisas		Acepções de crianças	
Pesquisa em crianças <sup>4</sup>	<i>em</i>	Objetos (PINTER, 2019)	Sujeitos prevenidos (ALDERSON, 2004)
Pesquisa sobre crianças <sup>5</sup>	<i>sobre</i>	Indivíduos (PINTER, 2019)	
Pesquisa com crianças <sup>6</sup>	<i>com</i>	(co)pesquisadores (PINTER, 2019)	Participantes ativos (ALDERSON, 2004)

**Fonte:** o próprio autor

Anterior à descrição e comentários do Quadro 1, esclareço que, embora as tipologias de pesquisa sejam similares àquelas propostas por Cameron e colaboradores (1992), discutidas por Reis e Egido (2017), as acepções dos participantes são diferentes. Ao passo que Alderson (2004) e Pinter (2019) voltam-se para investigações que envolvam crianças, a proposição terminológica de Cameron et al (1992) não é endereçada a um grupo em específico.

No que diz respeito às acepções de crianças, enquanto participantes de pesquisas, por um lado, elas podem ser interpretadas como ‘objetos’ e ‘indivíduos’, termos propostos por Pinter (2019), os quais podem ser compreendidos como sinônimos de ‘sujeitos prevenidos’, tal como caracterizados por Alderson (2004). Ambos os autores sinalizam que tais terminologias representam uma visão de crianças como participantes passivos na agenda de pesquisa, cuja principal contribuição recai, quase que exclusivamente, no momento de geração de dados. Os cuidados éticos explícitos estão circunscritos àqueles previstos por órgãos federais reguladores das pesquisas que envolvem seres humanos (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016). Ambos os entendimentos sobre as crianças estão circunscritos às visões de pesquisas *em* e *sobre*.

Por outro lado, as crianças podem passar a ter um papel integrante na agenda de pesquisa, o qual as garante uma caracterização como ‘(co)pesquisadoras’ (PINTER, 2019) ou ‘participantes ativas’ (ALDERSON, 2004).

<sup>4</sup> No original, *study on children* (PINTER, 2019).

<sup>5</sup> No original, *study about children* (PINTER, 2019).

<sup>6</sup> No original, *study with children* (PINTER, 2019).



Ações que caracterizam este tipo de participação podem ser materializadas em diferentes estágios da pesquisa, como, por exemplo, na análise dos dados e ou quando do retorno do/a pesquisador/a com os resultados.

É necessário ressaltar que, assim como toda a agenda de pesquisa qualitativa, as crianças, que inicialmente podem ter suas ações circunscritas a 'sujeitos prevenidos', podem ser ressignificadas para 'participantes ativos'. A título de exemplo, cito uma experiência relatada por Pinter (2019), no qual Pinter e Zandian (2012), após concluir um estudo que gerou dados por meio de questionários e de entrevistas em grupo, retornaram com a dissertação da segunda autora à escola, para conversar com as crianças sobre a pesquisa em que haviam participado. Ao ver das autoras, as crianças ficaram genuinamente surpresas e interessadas em saber mais sobre a inclusão de suas falas originais na pesquisa. Conseqüentemente, as pesquisadoras retornaram à escola em outro momento para ofertar um treinamento em pesquisa às crianças.

Espero que esta seção, além de sintetizar algumas concepções de pesquisas e de crianças, tenha evidenciado a flexibilidade das agendas de pesquisas qualitativas para ressignificar os papéis que as crianças ocupam, enquanto participantes de pesquisa.

### **Diálogos com pesquisadores/as da linguagem**

Ao partir do pressuposto de que, “[e]mbora várias habilidades de pesquisadores que conduzem investigações com adultos são importantes e transferíveis, somente elas não são suficientes e outras adicionais são requeridas, ao se conduzir estudos *com crianças*” (GRAHAM et al., 2013, p. 96 – ênfase adicionada), apresento algumas questões, cujo propósito é incitar reflexões éticas sobre pesquisas com crianças.

Ao considerar a dialogicidade da linguagem que constitui os/as pesquisadores/as da área da LA, entendo que tais questões, propostas por



pesquisadores/as de diferentes áreas do conhecimento (ver Quadro 2), são insumos para uma reflexão constante, que recepcione vozes de diferentes grupos envolvidos, direta ou indiretamente, como, por exemplo, professores/as, diretores/as de escolas, pais ou responsáveis, pedagogos/as, dentre outros.

**Quadro 2:** Questões com vistas à promoção de reflexões éticas sobre pesquisas com crianças

1. Em uma pesquisa com crianças, qual o interesse a prevalecer: o da criança? O dos seus pais? O do pesquisador? Ou o da sociedade? (FERNANDES, 2016)
2. Como romper com a lógica adultocêntrica? (DELGADO; MULLER, 2005 *apud* PRADO, 2018)
3. Como lidar com a produção do adultocentrismo pelas próprias crianças? (FERREIRA *apud* PRADO, 2018)
4. Quais dados utilizar na análise? (MORAES, 2017)
5. Como lidar com o risco de as crianças dizerem o que acreditam que o adulto quer ouvir? (CAMPOS, 2008 *apud* PRADO, 2018)
6. Qual a competência da criança para decidir sobre sua participação na pesquisa? (FCC, 1979; FERREIRA, 2010 *apud* PRADO, 2018)
7. Até que ponto seu acordo para participar foi sustentado por informação consistente e suficiente? (PRADO, 2018)
8. Até que ponto sua participação foi ou é voluntária? (PRADO, 2018)
9. Sua participação foi ou é induzida pelo pesquisador? (PRADO, 2018)
10. Os resultados são relevantes para as crianças como o são para os adultos pesquisadores? (PRADO, 2018)
11. As pesquisas assumem responsabilidade para com o bem-estar de crianças e jovens no geral, para além daqueles que participam da pesquisa? (PRADO, 2018)
12. Quanto tempo crianças e jovens deveriam dedicar à pesquisa além dos trabalhos ou estudos que realizam? (PRADO, 2018)

**Fonte:** o próprio autor

Saliento que tais questões não exigem pesquisadores/as de adotar cuidados éticos formais em seus estudos. Elas visam a expandir as discussões sobre os



cuidados que estudiosos/as da linguagem precisam ter quando pesquisando *com* crianças.

### Trajetórias possíveis

Ao concluir este breve relato, no qual busquei tecer considerações sobre a sistematização dos conceitos de pesquisas e de crianças, bem como sugerir questões, circunscritas à ética em pesquisa, que fomentem discussões acerca da educação linguística na infância, saliento o caráter interdisciplinar que tem constituído os estudos voltados à ética em pesquisa. Ademais, entendo que minha própria redação deste artigo corrobora o avanço nas diferentes temáticas que têm sido investigadas no campo de educação linguística na infância, o que demonstra um amadurecimento no e do campo supracitado (TONELLI, 2019).

Neste artigo, concluo com algumas trajetórias possíveis, no âmbito da pesquisa, que vislumbro, tanto com dados primários<sup>7</sup> quanto secundários<sup>8</sup>. Em relação às pesquisas conduzidas com dados primários, pesquisadores/as podem, por exemplo, conduzir entrevistas seus pares sobre como tem se dado a adoção de cuidados éticos, implícitos e ou explícitos, em suas investigações. Sobre aquelas baseadas em dados secundários, pesquisadores/as podem tanto analisar a inserção, ou a ausência, de menções éticas para pesquisas conduzidas *com* crianças em normativas nacionais<sup>9</sup>, quanto analisar documentos relacionados à educação linguística para identificar possíveis menções ao cuidado com o outro (i.e. as crianças).

### Agradecimentos

Agradeço à Doutora Juliana Reichert Assunção Tonelli (UEL), pela leitura crítica deste texto e pelas reflexões promovidas.

<sup>7</sup> Em outras palavras, dados *gerados* pelos pesquisadores/as no âmbito da pesquisa que estiverem desenvolvendo.

<sup>8</sup> Em outras palavras, dados *coletados*, cuja existência precede o desenho de investigação dos pesquisadores/as.

<sup>9</sup> Observe, por exemplo, aquelas publicadas pelo Conselho Nacional de Saúde.



Agradeço à Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutorado.

## REFERÊNCIAS

- ALDERSON, P. Ethics. In: FRASER, S. et al (Org.). *Doing Research with Children and Young People*. London: Sage Publication, 2004, p. 97-112.
- BROSSI, G. C.; FURIO, M.; TONELLI, J. R. A. Currículo e Formação de Professores de Inglês em Duas Universidades: Questões e Desdobramentos. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 3, p. 96-112, 2020.
- CHIMENTÃO, L. K.; REIS, S. Beyond bureaucratic ethics in qualitative research involving human beings. *Alfa*, São Paulo, v. 63, n. 3, p. 697-715, 2019.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução CONEP nº 510/2016, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre normas em pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 07 abr 2016.
- CORADIM, J. N. *Ciclos reflexivos alternativos*. 2015. 347f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- EGIDO, A. A. *Concepts of Ethics in Applied Linguistics Research*. (prelo).
- FERNANDES, N. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, 2016, p. 759-779.
- GRAHAM, A. et al. *Ethical Research Involving Children*. Florence: UNICEF Office of Research. 2003.
- MARQUES, G. S. *Material didático de fonética e fonologia adaptado para professores em formação cegos: (in)aplicabilidade e possíveis encaminhamentos*. 2018. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.





MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAIS, N. A. et al. Ética na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua: considerações a partir da Resolução Nº510/2016. *Revista da SPAGESP*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2017, p. 27-42.

PINTER, A.; ZANDIAN, S. 'I thought it would be tiny little one phrase that we said, in a huge big pile of papers': Children's reflections on their involvement in participatory research. *Qualitative Research*, California, v. 15, n. 2, 2012, p. 235–250.

PINTER, A.; KUCHAH, K.; SMITH, R. Researching with children. *ELT Journal*, Oxford, v. 67, n. 4, 2013, p. 484-487.

PINTER, A. Research issues with young learners. In: GARTON, S.; COPLAND, F. (Org.) *The Routledge Handbook of Teaching English to Young Learners*. New York, NY: Routledge, 2019, p. 411-424.

PRADO, R. L. C.; VICENTIN, M. C. G.; ROSEMBERG, F. Ética na pesquisa com crianças: uma revisão da literatura brasileira das ciências humanas e sociais. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, 2018, p. 1-22.

REIS, S.; EGIDO, A. A. Ontologia, Epistemologia e Ética como determinantes metodológicos em Estudos da Linguagem. In: REIS, S. (Org.). *História, Políticas e Ética na área profissional da linguagem*. Londrina: Eduel, 2017. p. 227-250.

TONELLI, J. R. A.; PÁDUA, L. S.; OLIVEIRA, T. R. R. (Org.). *Ensino e Formação de Professores de Línguas Estrangeiras para Crianças no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

TONELLI, J. R. A. Desdobramentos da recontextualização do ensino de inglês na infância. In: ASSIS-PETERSON, A. A.; JUSTINA, O. D. (Org.). *Anais eletrônicos do XXII Encontro de Professores de Inglês*. Sinop, MT: 2019, p. 10-18. Disponível em: <http://www.apliemt.org.br>